



Meu Tipo Inesquecível

Sam Shumate

ERA TÃO BAIXINHO e tão magro que, quando o víamos vencendo com dificuldade as gargantas da Cordilheira Azul, a 1.500 metros de altitude, êle parecia uma coisinha de nada enfiada nos canos bamboleantes de suas botas de borracha. No entanto, Oddie Cox, diretor da Escola de Negros do Condado de Ashe, em Bristol, Carolina do Norte, era uma das pessoas de maior grandeza e sabedoria que já conheci.

O Sr. Oddie, como nós brancos o chamávamos (os prêtos o tratavam de Professor), entrou na minha vida há cêrca de dez anos, numa manhã de primavera, pouco depois de haver eu completado 14 anos. Estava junto do riacho, no quintal, quando fui chamado por minha avó, com quem eu morava:

—Está aqui uma pessoa para falar com você, meu filho.

Dei volta à casa correndo, e esbarrei com o primeiro negro que já virá

de perto. (Nossa aldeia de Warrensville está situada num côncavo isolado dos Montes Apalaches, onde a população negra é reduzida.) Lá estava, sorrindo, um homem de sessenta e poucos anos, cuja cabeça parecia grande demais para a sua estatura mirrada. Estendeu-me a mão e, numa voz suave como música, apresentou-se e disse:

—Vou levar alguns de seus amigos para uma excursão neste fim de semana. Vim saber se você quer vir conosco.

Espantado, olhei para minha avó. Ela sorriu e acenou com a cabeça:

—Pode ir, meu filho. Indo com o Sr. Oddie, está bem.

Eu ficaria sabendo depois que a maioria dos pais era dessa opinião. Qualquer menino só podia estar bem entregue se estivesse aos cuidados do Sr. Oddie.

O Sr. Oddie era um mateiro de primeira. Ensinou-nos a acender uma fogueira sem fósforos. Ensinou-nos a cozinhar sem utensílios, inventar assobios com ramos de loureiro rachados e a fazer excelentes caniços com vergõntes de nogueira.

—As trutas dêstes lagos beliscam mais facilmente iscas feitas de penas de côres brilhantes—disse-nos êle, com seu jeito preciso e professoral. —Mas onde vamos arranjar essas penas?

Quando desistimos de encontrar solução para o problema, o Sr. Oddie esfarinhou no chão umas migalhas de pão e escondeu-se perto delas, assobiando estridentemente. Daí a

pouco, uns cardeais pousaram sôbre as migalhas e começaram a brigar por elas. Quando os pássaros levantaram vôo, o Sr. Oddie apanhou três ou quatro penas que êles haviam arrancado uns dos outros.

—Que bom!—disse êle, como se estivesse surpreso. —Parece que nossos amigos forneceram as iscas para pescarmos as nossas trutas.

O que mais me impressionava no Sr. Oddie era o seu *sistema* de ensinar. Seguidamente, êle se limitava a conjeturar alto.

—Eu gostaria de saber—dizia êle —há quanto tempo êste rio corre por aqui. Gostaria de saber tudo o que êste velho rio já viu . . . o que nos poderia contar sôbre tôdas as gerações de homens que já passearam pelas suas margens e aqui sonharam os seus sonhos.

O Sr. Oddie fazia conjeturas sôbre as coisas de maneira tão propícia a despertar curiosidade que, sem darmos por isso, nós nos púnhamos também a conjeturar sôbre elas, e ficávamos querendo saber as respostas a perguntas que antes nunca nos ocorrera fazer.

Passei um ano sem ver de nôvo o Sr. Oddie, mas descobri muitas coisas mais sôbre êle. Neto de escravos, Oddie Cox nascera num barraco perto da escola onde ensinava. Sua mãe dera-lhe aquêle nome, na esperança de que êle viesse a ser “*odd*” (diferente dos outros)—o que positivamente aconteceu. Aos 18 anos, numa caricatura de escola, funcionando numa só peça, como a que

êle mesmo freqüentara, Oddie tornara-se professor das crianças de sua raça que viviam isoladas nas montanhas.

Naquela época não havia praticamente estradas na nossa região. Para que as crianças pudessem chegar à escola no inverno, o "Professor Cox" abria caminhos em montes de neve que chegavam à altura da coxa, usando para isso uma escavadeira feita de tábuas e puxada por uma mula. Anos depois comprou com seu próprio dinheiro o primeiro "ônibus escolar" destinado às crianças de côr da região—uma velha caminhonete verde, que êle mesmo transformou em ônibus. Na época a que me refiro, com 63 anos, guiava um ônibus moderno fornecido pelo Estado, e tinha sob sua direção uma escola "grande", confortável, de quatro salas. E o melhor é que os dois professôres que o ajudavam a lidar com os seus alunos, em número aproximado de 50, eram ambos diplomados por escolas superiores.

Fiquei sabendo que, nos fins-de-semana, se um ou outro aluno queria estudar mais do que os companheiros, o Sr. Oddie ajudava-o, particularmente, em casa. E também para estudar mais do que os outros, êle próprio fazia cursos universitários nas férias. Não sei como arranjava ainda tempo para ajudar a meninos de outras escolas, numa dúzia de pequenas aldeias da montanha, mas o fato é que ajudava.

Na primavera seguinte à nossa primeira excursão fui mordido por

uma cobra durante um jôgo de baseball, e meteram-me na cama. O Sr. Oddie andou 27 quilômetros para me visitar e levar-me meio litro do meu sorvete preferido.

—É verdade que a cobra que mordeu você morreu, Sammy?—perguntou êle para me animar.

Nas semanas seguintes apareceu muitas vêzes. Creio que foi porque meus pais eram separados e viviam noutro lugar que êle me dedicou tanta atenção.

Eu nunca conversara com ninguém que soubesse tanto sôbre tantas coisas. Foi a primeira pessoa que deu vida à História e à Álgebra para mim. Despertou meu interêsse pela boa música. Foi o primeiro a dizer-me que a Cordilheira Azul, embora bonita, era uma região de miséria, de minas abandonadas e de agricultores famintos—um lugar de onde os jovens deveriam tentar "alçar vô".

Como é que o Sr. Oddie conhecia música tão bem? Descobri que aos sessenta e tantos anos êle começara a procurar fortalecer sua voz fraca e sussurrante e aprender por si mesmo piano e composição musical—a fim de melhorar a qualidade da música dos cânticos religiosos que havia dàriamente na sua escola. Aprendeu a tocar e cantar tão bem que se tornou o pianista da igreja e o solista preferido da igreja branca de Nathan's Creek.

—Há tanta coisa para aprender, Sammy—dizia êle, quase com pesar. —Nunca perca uma oportunidade de aprender o que puder!



bonitos... modernos



higiênicos... duráveis



inquebráveis... econômicos

Artigos
domésticos
FLEX-A
Carioca
para usar
e durar

à venda em todas as boas lojas

Um dia, no meu último ano de ginásio, estávamos os dois sentados à sombra do choupo que fica no meio da pequena encruzilhada poeirenta, à porta da casa de minha avó, quando o Sr. Oddie murmurou:

—Gostaria de saber aonde vão dar todos êsses caminhos.

Respondi que sabia:

—Um vai para o sul, dá em Boone, na Carolina do Norte; outro vai para oeste e dá em Mountain City, Tennessee; e outro vai dar no norte, em Marion, Virgínia.

—Sim—tornou o Sr. Oddie—mas todos êsses caminhos não levam a outros caminhos?

Tirou do bolso um velho mapa do mundo e desdobrou-o no banco entre nós.

—Aqui está o seu mundo de agora—disse êle, marcando Warrentonville com um ponto de lápis.—Mas você e seu mundo têm de crescer, não é verdade?

Desenhou no mapa uma série de círculos cada vez maiores, que se estendiam como ondulações na superfície de um lago.

—Veja—disse êle, colocando o lápis no mapa, de maneira a formar um raio de roda que partia do centro de nossa encruzilhada.—O caminho para Boone pode também levar a Caracas ou Buenos Aires. O caminho para Tennessee pode levar a Xangai ou Tóquio.

—E o senhor já esteve nesses lugares?—perguntei eu, ingênuamente.

—Eu não.—Deu uma risadinha ante essa idéia.—Mas você é jovem.

Estude e amplie bastante sua mente, e é possível que você os veja a todos!

Mas a universidade parecia financeiramente impossível para mim, e de qualquer maneira eu estava enjoado da escola. Alguns de meus amigos tinham arranjado empregos em fábricas, no vale, e já tinham carros novos e dinheiro para gastar. Desejando urgentemente possuir também essas coisas, fiz saber, quando se aproximava a época de minha formatura, que aceitaria o primeiro emprêgo que aparecesse. Foi então que um dia, de manhã, o Sr. Oddie apareceu à nossa porta. Eu nunca o vira tão próximo da zanga.

—Ouvi dizer que você vai vender o seu futuro por um automóvel— começou êle.—Só queria saber se um carro poderá algum dia levá-lo a um ponto que não seja ultrapassado por homens que aprenderem mais do que você.

—Mas a questão é justamente essa!— respondi impulsivamente.—Quero sair destas montanhas que Deus esqueceu. Quero ir para um lugar onde haja trabalho *de verdade* para fazer!

—Não há dúvida—disse o Sr. Oddie calmamente.—Mas até onde você disse que ia? Até à fábrica mais próxima? Até uma bomba de gasolina? Até *aqui*, Sam?

Com espanto meu, êle estendeu o mapa onde desenhara círculos que se expandiam. Dava pancadinhas com o lápis nas cidades próximas, situadas no vale, onde eu esperava

agora também,
SUPER
Flamengo





100% inquebrável
 um pente 100%

**N
 O
 V
 O**

à venda em tôdas as boas lojas

arranjar emprêgo. Ficavam tôdas dentro do primeiro pequeno círculo que tinha como centro o ponto chamado Warrensville.

—É evidente que você ainda não está mentalmente preparado para a universidade—disse êle.—Mas é só até *aqui* que você quer ir, é só isto que você quer ver?

Continuava batendo com o lápis no minúsculo círculo central. De repente levantou-se e disse:

—Sei que você é muito bom mecânico. Mas não sei se algum dia já pensou nisto.

Ao voltar-se para sair, enfiou-me na mão um envelope de côres vivas. Dizia: “Aliste-se na Fôrça Aérea e Aprenda uma Profissão.” A profissão que o Sr. Oddie sublinhara era mecânico de aviação.

Quando parti de Warrensville para um curso básico em San Antonio, Texas, o Sr. Oddie apareceu para despedir-se de mim, conservando-se discretamente afastado como se não quisesse outra coisa senão dar um adeuzinho no meio dos outros. Quando terminei o curso de mecânica de jatos e comecei a voar pelo mundo inteiro—Islândia, Noruega, Dinamarca, Alemanha, Havaí, Japão, Formosa—continuei recebendo regularmente cartas mensais do Sr. Oddie. Êle conhecia melhor do que eu os países que eu visitava, e fazia sugestões sôbre as coisas que eu devia ver e fazer e sôbre as quais devia meditar.

Quando voltei a Warrensville, findo o meu tempo de serviço na

Fôrça Aérea, fui até à casinha bem arrumada do Sr. Oddie, em Nathan's Creek. Encontrei-o lendo uma de suas duas surradas enciclopédias. Parecia velho e cansado, apertando os olhos atrás de seus óculos sem aro para ver quem entrara.

—Sammy!—exclamou ao reconhecer-me. Puxou uma cadeira para mim.—Então, Sammy, que tal lhe pareceu o mundo?

—Uma beleza, Sr. Oddie, mas estou contente de estar de volta.

Êle se pôs a olhar-me, radiante.

—Então, você está pronto para entrar para a universidade . . . e aqui mesmo nas nossas montanhas, segundo me consta! Quer saber de uma coisa?—Deu uma risadinha.—Eu sempre tive um palpite de que você acabaria fazendo isso mesmo.

Foi a última vez que vi o Sr. Oddie. Comecei o meu curso na Escola Normal de Apalaches, em Boone, 40 quilômetros abaixo na nossa Cordilheira. Na véspera de minha chegada a Warrensville para passar as férias da primavera, a casa do Sr. Oddie pegou fogo e foi totalmente destruída. O corpo dêle foi encontrado no meio das cinzas.

O funeral de Oddie Cox foi diferente de todos os que eu já vira. Numa extensão de 750 metros alinhavam-se carros nos dois lados da estrada de barro vermelho que serpenteava pelas montanhas. Quando subi por entre as duas filas, vi chapas de Nova York, Míchigan, Colorado, Califórnia—vívidos lembretes de quanto tinham chegado longe as

“crianças” do Sr. Oddie. Dois ministros brancos ajudaram o pastor negro no serviço fúnebre. Três brancos e três negros carregaram o caixão. O momento era de palavras simples, saídas do coração. Um dos ministros assim se expressou:

—Pouco há a dizer sôbre o Sr. Oddie, pois seus atos falavam por êle. Sua vida era um livro aberto.

ALGUMAS semanas depois do funeral aconteceu uma coisa que me fêz pensar se nós, a quem o Sr. Oddie conhecia tão profundamente, também o conheceríamos realmente? A irmã de Oddie, Rene, recebeu pelo correio um diploma de bacharel em Ciências—o primeiro diploma do Sr. Oddie. Vinha da escola onde êle seguira cursos de férias e fôra conferido oito meses antes da sua morte. Assombrado (eu sempre imaginara que êle fôsse diplomado—ou mesmo que tivesse vários diplomas—há muitos anos), fui até à escola e examinei a ficha do estudante Oddie James Cox. Foi uma revelação patética, mas emocionante.

O Sr. Oddie começara do primeiro ano, aos 46 anos de idade. Continuando a estudar durante 23 cursos de verão, seguira uma das mais complicadas miscelâneas de cursos (87 ao todo) que um estudante já se propusera a fazer na escola. Procurara primeiro aprender Ortografia, Composição e Aritmética (que a sua escola da montanha não lhe ensinara bem na infância); passou depois a cursos de escotismo e de preceptor, e final-

mente a matérias como Geografia, Biologia, Botânica, Química, História e Psicologia Infantil.

O diretor da escola explicou:

—Ê que Oddie Cox estava sempre tentando aprender tantas coisas de uma vez que nenhuma delas dava para assegurar-lhe um diploma. Suas notas também não eram das melhores. Êle escolhia os assuntos de que menos entendia, e os mais difíceis para êle, sem se interessar pelo diploma. O que lhe interessava era aprender tudo o que pudesse, a fim de poder ensiná-lo às crianças lá onde êle morava.

—No verão passado—continuou o diretor—resolvemos dar a Oddie o seu diploma, baseando-nos no que êle havia *realizado*. Êle disse que preferia esperar até junho para receber o diploma. Disse que tinha uns amigos nas montanhas e gostaria que assistissem à cerimônia. Mas depois houve aquêle incêndio . . .

Nas nossas montanhas, alguns dos líderes brancos e negros se reuniram para construir um pequeno monumento em memória do Sr. Oddie. Compraram a melhor grade de arame que havia na loja de ferragens e as estacas da melhor madeira. Levantaram uma boa cêrca em tórno do cemitério da igreja onde êle está enterrado e puseram no portão uma placa de bronze com os seguintes dizeres: “Afetuosa Homenagem a Oddie J. Cox.”

Quanto a mim, não vou partir. Vou ser professor aqui. Estou certo de que o Sr. Oddie ficaria contente.